

# LÍNGUA: As múltiplas facetas desse órgão

## TONGUE: *The multiple facets of this organ*

Ana Claudia Cantarelli\*

*“Seu hálito é como mel aromatizado com cravos,  
sua boca, deliciosa como uma manga madura.  
Beijar sua pele é como experimentar o lótus.  
A cavidade do teu umbigo oculta  
uma profusão de especiarias.  
Que prazeres repousam depois, a língua sabe,  
mas não pode dizer.”*

*Srngarakarika, Kumaradadatta (Séc. XII)*

### ■ RESUMO

A língua é um órgão especializado inserido no sistema estomatognático. Sua função primordial está relacionada ao processo de alimentação e fala. O especialista em motricidade oral é o profissional que mais diretamente trabalha com esse órgão. Conhecer os aspectos anatômicos e fisiológicos da língua é obrigação do fonoaudiólogo. Ir além desses aspectos e compreender suas múltiplas facetas e algumas das suas simbologias é o objetivo principal deste trabalho.

*UNITERMOS:* língua; anatomia; simbologia.

### ■ ABSTRACT

The tongue is an specialized organ insertial in the stomach system. Its main function is related to alimentention and speech. The specialist in oral motricity is the professional that works directly with this organ. To get to know anatomic and physiological aspects of the tongue is an obligation of the Speech Therapeut. To go beyond these aspects related above and understand the multiple facets of the tongue and some of its symbols is the main objective of this paper.

*KEY WORDS:* tongue; anatomic; symbols.

---

\* Fonoaudióloga formada pela UNICAMP em 1987; Especialista em motricidade oral pelo CEFAC – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, em 1998; Membro integrante do Grupo Acontecendo em Fonoaudiologia; Coordenadora e Professora do CEMO – Centro de Estudo em Motricidade Oral.

## ■ ESOPO E A LÍNGUA

Esopo era um escravo de rara inteligência que servia a casa de um conhecido chefe militar da antiga Grécia.

Certo dia, em que o patrão conversava com outro companheiro, discorrendo sobre os males e virtudes do mundo, Esopo foi chamado a dar sua opinião sobre o assunto, ao que respondeu seguramente:

- *Tenho a mais absoluta certeza de que a maior virtude da Terra está à venda no mercado.*
- *Como? Interrogou o amo, surpreso. Tens certeza? Vê lá, heim? Como podes afirmar tal coisa?*
- *Não só afirmo, como, se meu amo me concede a autorização, irei até lá e trarei, à vossa presença e de vosso amigo, a maior virtude da Terra.*
- *Estás autorizado. Mas, vê se não me envergonhas! Caso o que trouxeres não for realmente a maior virtude da Terra, punir-te-ei com o pior dos castigos.*

Saiu Esopo e, dali a minutos, voltava carregando um pequeno embrulho nas mãos. Ao abrir o pacote, o velho chefe encontrou vários pedaços de língua e, enfurecido, deu ao escravo uma chance para explicar-se.

- *Meu amo, não vos enganei. A língua é, realmente, a maior das virtudes. Com ela, podemos consolar, ensinar, esclarecer, aliviar e conduzir. Pela língua, os ensinamentos dos filósofos são divulgados, os conceitos religiosos são espalhados, as obras dos poetas se tornam conhecidas de todos. Acaso podeis renegar essas verdades?*
- *Boa, meu caro, retrucou o amigo do amo. Já que és tão desembaraçado, que tal trazer-me agora o pior vício do mundo, ou achas que o nosso mercado não o tem em estoque?*
- *É-me perfeitamente possível, Senhor, e com nova autorização de meu amo, irei novamente ao mercado e de lá trarei o pior vício de toda a Terra.*

Concedida a permissão, saiu novamente Esopo e, dali a minutos, voltava com outro pacote muito semelhante ao primeiro. Ao abri-lo, os dois amigos encontraram novamente pedaços de língua. Desapontados, interrogaram o escravo e obtiveram dele surpreendente resposta:

- *Por que vos admirais de minha escolha? Do mesmo modo que a língua, bem utilizada, se converte numa sublime virtude, quando relegada a planos inferiores se transforma no pior dos vícios. Através dela, tecem-se as intrigas e as calúnias, as mentiras cruéis, as injúrias e as violências verbais. Através dela, as verdades mais santas, por ela mesma ensinadas, podem ser corrompidas e apresentadas como anedotas vulgares e sem sentido. Através dela, estabelecem-se as discussões infrutíferas, os desentendimentos prolongados e as confusões populares que levam ao desequilíbrio social. Acaso podeis refutar o que digo?*

*Impressionados com a inteligência invulgar do serviçal, ambos os senhores calaram-se, comovidos, e o velho chefe, no*

*mesmo instante, reconhecendo o disparate que era ter um homem tão sábio como escravo, deu-lhe a liberdade, que Esopo aceitou reconhecidamente, tornando-se, mais tarde, o fabulista mais conhecido da Antigüidade, cujas histórias, até hoje, se espalham por todo o mundo.*

A língua, na fábula citada acima, na medida em que apresenta uma correlação com a linguagem, expressa o grande poder da comunicação humana, por ser o órgão do corpo humano que mais viabiliza a articulação dos sons da fala.

Segundo a concepção dos antigos egípcios, o pensamento e a palavra do deus primordial Ptah (ou Atum) criaram o mundo. De acordo com esse mito, o coração e a língua seriam os órgãos criadores (LURKER, 1997).

Na Grécia antiga, onde se passa a fábula, a prática da oratória teve um peso jamais visto em toda a história. Tais povos conheciam a força da palavra, o poder das idéias e o fascínio do pensamento. Por isso, a oratória era tão respeitada e cultivada. Naquele tempo, de um bom orador esperava-se que tivesse qualidades literárias, talento, memória e inspiração; sensibilidade e emoção, bom vocabulário; concisão de pensamento e elegância de expressão (ARAÚJO, 1997).

Hoje, a palavra falada continua tendo o poder de dar manifestação física às idéias. Segundo BLOCH (1991), as palavras são muito poderosas. Há palavras que ferem e há palavras que curam. A repetição de uma palavra ou frase atrai para si uma situação desejada. Por isso, aconselha BLOCH (1991), o melhor é usar esse poder de forma a propiciar o melhor para si e para a vida do outro.

Proponho, portanto, com este trabalho, mostrar sob variados prismas aquela que é considerada a mestra da palavra e a responsável, dentre outras responsabilidades, pelos gestos da fala: a língua.

## ■ A LÍNGUA

A origem da palavra língua, atualmente quase esquecida, pode ser revelada pela etimologia. A palavra língua tem origem no Lácio, antiga região da Itália central, berço da língua latina. Lá moravam os latinos, grupo étnico de origem indo-européia, que se estabeleceu no Lácio, durante o II milênio A.C. O latim era a língua falada por esse povo. Graças à expansão romana, o latim estendeu-se pela Europa ocidental, por parte da bacia danubiana e por algumas regiões ocidentais da bacia mediterrânea, chegando, portanto, aqui na América.

A origem das palavras língua (órgão anatômico), linguagem (enquanto expressão de pensamento e de sentimentos) e língua (enquanto idioma) derivam portanto do latim: *lingua*.

Por esse motivo, regiões como a França, Espanha, Itália e Portugal, onde existiu uma predominância da língua latina, língua (órgão) e língua (linguagem) possuem uma mesma raiz etimológica, como podemos observar no francês: *langue e langage*; no espanhol: *lengua e lenguaje*; no italiano: *lingua e linguaggio*; no português: língua e linguagem.

O mesmo não ocorre, porém, com o inglês e o alemão, onde existem dois vocábulos diferentes para designar língua (órgão) e língua (linguagem). *Tongue e language*, para o inglês, e *zunge e sprache*, para o alemão.

Em se tratando da expressão língua materna, no inglês *mother tongue* e no alemão *mutter sprache*, vemos um resgate da palavra referente ao órgão língua e não o termo referente ao idioma, o que nos leva a pensar que existe realmente uma intrínseca relação do órgão com a função linguística.

A língua, enquanto código linguístico, pode ser extinta ou geral, morta ou viva. A língua extinta refere-se ao idioma completamente desaparecido, do qual não existe sequer documento. A língua geral refere-se ao tupi-guarani, sistematizada pelos padres jesuítas. A língua morta é a língua que já não se fala e que somente é conhecida através de documentos escritos; a língua viva é a comumente falada por uma nação ou povo.

Existem, ainda, plantas com nome de língua, como é o caso da língua-de-cão (também chamada de cinoglossa) e a língua-de-vaca, que são plantas da família das compostas, além do nome de vários objetos que têm semelhança com esse órgão bucal.

A língua, no aspecto simbólico, é também mencionada em textos bíblicos. As línguas de fogo de Pentecostes, por exemplo, são um tema bastante conhecido na iconografia cristã. Consta que, após a morte de Jesus, estavam os discípulos reunidos em uma casa, quando chamados em forma de línguas de fogo pousaram sobre suas cabeças, concedendo a cada um deles o poder de falar em diferentes línguas ou idiomas, segundo o Espírito Santo lhes concedia que falassem (Atos 2, 3s).

A língua também é vista na Bíblia como símbolo da eloqüência. Já dizia Moisés ao Senhor: “Ah! Senhor, eu nunca fui eloqüente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo, pois sou pesado de boca e pesado de língua” (Cap. 2, vers. 11). Mas também pode ser vista como símbolo da indiscrição, segundo este provérbio chinês: “A língua é a espada das mulheres, elas nunca a deixam enferrujar-se”.

De todos os papéis que a língua desempenha, os relacionados à alimentação e à fala são os mais reconhecidos. Na fala, a língua realiza movimentos finos e rápidos que são de extraordinária importância para a articulação. Mas, é importante lembrarmos que a articulação está inserida na

linguagem que, por sua vez, está inserida no processo de comunicação.

O objetivo maior da comunicação, explica BORDENAVE (1983), é minimizar ou maximizar as diferenças pessoais, gerando afastamento ou aproximação. Imaginamos que uma pessoa, estirando a língua para fora da boca, seja ela criança ou adulto, gera um sentimento de afastamento (por alguém ou por uma situação). Em criança, tal estiramento toma um significado de xingamento, enquanto, no adulto, de irreverência (mostrar o que é proibido).

Muitos dos nossos pacientes, principalmente adultos, sentem-se invadidos e envergonhados quando precisam abrir a boca ou mostrar sua língua. Isso ocorre em virtude de a boca ser uma região extremamente íntima. Dentro dela, encontra-se a língua e suas simbologias. Conhecer os aspectos anatômicos e fisiológicos desse órgão é obrigação do fonoaudiólogo. Ir além desses aspectos é o objetivo deste trabalho.

A nossa língua, enquanto órgão anatômico, é formada por milhares de nervos, é inervada por cinco pares cranianos, é formada por dezessete músculos, é revestida por dois diferentes tecidos epiteliais e é formada por dois diferentes tecidos conjuntivos (CANTARELLI, 1998a).

Tudo na língua parece singular. A começar por sua origem e formação embriológica. Enquanto a musculatura da cabeça e pescoço derivam-se do mesoderma dos arcos branquiais, a musculatura da língua é oriunda dos primeiros segmentos do tronco, que mais tarde são absorvidos pelo crânio. Os músculos infra-hióideos e o músculo geni-hióideo também possuem origens semelhantes à língua e são todos inervados pelo nervo motor hipoglossa. Portanto, os músculos da língua, os músculos infra-hióideos e um músculo supra-hióideo conservam características comuns.

Como é sabido, para que uma estrutura se movimente é necessário que a contração de fibras musculares ocorra em direção a um ponto que encontra-se fixo. No caso da língua, outra curiosidade nos chama atenção – apenas o músculo estiloglossa possui uma origem de base craniana, o que torna o movimento de retração da língua em direção ao processo estilóide bastante compreensível.

Em se tratando dos outros músculos, todos possuem uma origem ou inserção em pontos móveis, como, por exemplo, a mandíbula. Portanto, faz-se necessária uma estrutura auxiliar de suporte para fixar tais pontos móveis e transformá-los em pontos fixos para assim promover a movimentação da língua em direção a tais ossos e órgãos.

Muito se estuda a língua no contexto fono-odontológico. Sua importância na conformação do palato e dos arcos dentários é indiscutível. Muitas vezes, a língua é vista como vilã por alguns profissionais das alterações crâ-

nio-ocervicais ou como vítima de tais alterações, ocupando uma posição adaptadora no sistema. Porém, procurarmos compreendê-la apenas nesses aspectos é ter uma visão muito restrita.

A língua é um órgão tão presente na vida do homem que sua presença é muitas vezes ignorada. Apesar de ter uma área de representação cortical bastante privilegiada no que tange a sua dimensão no cérebro, só a utilizamos quando as funções por ela desempenhadas tornam-se conscientes, seja no momento de aprendizagem ou proteção. Isso ocorre em virtude dos papéis que a língua desempenha estarem relacionados às funções subcorticais como o comer e o falar. Além disso, é um órgão incansável, não pára nunca, nem mesmo quando dormindo. Acompanha-nos dia e noite, trabalhando sem reclamar, porque é dotado de uma musculatura especial (um conjunto de fibras musculares) especialmente criados para se revezarem automaticamente, evitando assim a fadiga muscular, como explica DOUGLAS (1998).

“A língua não tem tônus, tem tensão/descontração, pela grande velocidade de contração de sua fibras musculares. Os músculos da língua apresentam uma característica fisiológica peculiar, a contração fásica muito veloz. Isto determina a ausência de somação temporal, impedindo-se a de tétano completo e contração tônica. Daí, as contrações são exclusivamente fásicas, determinando movimentos finos e rápidos.”

Uma forma de exercitar os músculos da língua, explica Ivan Izquierdo, citado por GUARACY & RAMALHO (1998), é lendo. Enquanto as pessoas lêem, os músculos da língua quase imperceptivelmente se mexem, levando assim a uma melhoria na qualidade da fala.

Por essa característica neurofisiológica tão peculiar, não é de estranhar que a língua absorva para si importantes tarefas como o falar, deglutir, sugar, beijar, cuspir, lamber, mastigar e respirar.

Na mastigação, sua ação, juntamente com a bochecha, serve para colocar o alimento entre as sobrefaces dentárias. Na deglutição, a língua conduz o bolo alimentar até a faringe. Na sucção, ela muda de comprimento e realiza contrações ondulatórias que a dirigem para trás. Na respiração, possui um papel fundamental na sobrevivência do indivíduo, abaixando-se, quando as vias aéreas superiores se obstruem. Na fonação, modifica o tom para mais grave ou agudo, dependendo da posição da epiglote e da base da língua estarem mais para cima ou mais para baixo. Além do mais, influencia a posição de cabeça através do osso hióide, bem como a postura mandibular, através do posicionamento lingual (CANTARELLI, 1998b).

Mas, a língua vai além. É o principal órgão da gustação, por 90% dos botões gustativos estarem espalhados sobre

seu dorso. Mas botões gustativos também são encontrados na mucosa da bochecha, do palato, na face anterior dos pilares das fauces e na laringe, especialmente na face laríngea da epiglote e nas faces medial e lateral das aritenóides (COSTA, 1994; AIRES, 1991).

Para ALLENDE (1998), “o sentido do gosto, assim como o cheiro, são difíceis de definir. Ambos são espíritos com vida própria, fantasmas que aparecem sem serem invocados para abrirem uma janela da memória e levar-nos através do tempo a um acontecimento já esquecido” (p. 69). O prazer de um sabor, portanto, centra-se, predominantemente, na língua e na mucosa da boca, embora com frequência não comece ali, mas na lembrança. Parte essencial desse prazer também reside na visão, no olfato, no tato, na temperatura, na textura e na cor. Para ela, tudo influi na sensual experiência de saborearmos uma comida.

No planejamento de um cardápio, aconselha Panchita, citado por ALLENDE (1998), devemos considerar os diferentes sabores. Entre eles, não deve haver concorrência, mas complementariedade. É importante, em uma comida, saber distinguir um sabor do outro. Nos banquetes e restaurantes de luxo, explica, entre dois pratos contundentes, costuma-se servir uma pequena porção de sorvete agridoce para eliminar o resíduo do primeiro prato, antes de se provar o segundo, isto porque as papilas gustativas se saturam.

Existe uma estreita relação entre o apetite sexual e o apetite alimentar. A pressa no amor deixa irritação na alma e a pressa na comida altera os humores fundamentais da digestão. Segundo Panchita, citado por ALLENDE (1998), “um jantar bem pensado é um crescendo que começa com as notas suaves da sopa, passa pelos arpejos delicados da entrada, culmina com a fanfarra do prato principal seguido finalmente dos doces acordes da sobremesa. O processo é comparado ao fazer amor com estilo, começando com insinuações, saboreando os jogos eróticos, chegando ao clímax com o estrondo habitual e por fim deslizando em um afável e merecido repouso” (p. 69).

Remetendo-nos à anatomia da língua, observamos que, quanto a sua localização, a língua apresenta-se parte na cavidade bucal, parte na faringe. Encontra-se, pois, no limite do que é interno e externo, do que é público e privado. Sua parte oral, ao mesmo tempo em que fica escondida, é facilmente visualizada. Este jogo de mostra/esconde é atraente e erótico.

Em seu significado erótico oral, explica LURKER (1997), a língua é equiparada ao órgão genital masculino. Tal significado erótico tem origem na semelhança visual da língua com o pênis. Os dois aumentam de tamanho, além de a língua possuir uma forma cilíndrica no seu estiramento.

Um dos jogos eróticos mais comumente praticados por mulheres é tocar suavemente a ponta da língua em torno dos lábios. Tal gesto pode sugerir ao homem que ela deseja fazer amor ou deseja que seu pênis toque em sua vagina (aí simbolizada pelos lábios). Além disso, a imagem da língua vinculada à alimentação e à comunicação faz com que esse órgão ganhe uma amplitude simbólica jamais vista em outro órgão.

O desvio do olhar para os lábios indica que é hora de se beijar. O beijo, segundo DOUGLAS (1998), faz parte das funções adaptativas do aparelho estomatognático. No beijo, explica ele, a mandíbula encontra-se em uma posição elevada, enquanto a língua e os lábios se contraem. Para MORAES & BORELLI (1998), o beijo não é mera massagem labial salivada. Trata-se também de uma sucção, cuja origem remete ao mamar e significa entregar-se ao outro, com perda momentânea da identidade.

O beijo é a expressão maior da relação humana. O toque da língua com outra língua é extremamente íntimo. Bons amantes, em geral, são bons beijadores. Segundo pesquisa, os primeiros indícios de que a paixão está acabando entre os casais é quando eles param de se beijar. Na maioria dos casos, o sexo pode até persistir, mas sem beijo de língua. A relação, nesses casos, é como um verão sem sol.

O beijo de língua é mais apreciado pelas mulheres. É possível que a representação simbólica da língua com o pênis e com o ato sexual esteja mais situada na fantasia do universo feminino do que na do masculino.

Existem variações culturais do beijo, como explica MORAES & BORELLI (1998). Os homens russos, franceses e árabes costumam se beijar no rosto e até na boca, mas sem a participação da língua, uma prática restrita apenas às comunidades *gays*. Já os índios brasileiros não têm o hábito de se beijarem, nem mesmo os aculturados. As tribos africanas acreditam que quando se beija perde-se a alma. Os esquimós se beijam soltando um bafo quente, com fumacinha de ar condensado, um na cara do outro. Podem passar horas se bafejando dessa forma. É suprema prova de amor partilhar assim a valiosa reserva de calor corporal de cada um, em meio aos rigores climáticos do ártico.

O beijo pertencente à cópula deve ser sonoro, cita ALLENDE (1998). “Seu som, leve e prolongado, eleva-se entre a língua e a borda úmida do céu da boca, produzido pelo movimento da língua na boca e o deslocamento da saliva provocado pela sucção. Um beijo dado na superfície dos lábios e acompanhado de um som que fazemos para chamar um gato, não dá nenhum prazer. Esse beijo é bom para criança, ou para as mãos” (p. 112).

Existe, portanto, o beijo jogado a distância, o beijo no rosto, na testa, nas mãos, o beijo nos lábios, o beijo de língua, o beijo que cura machucado de criança e o beijo que

sela juras de amor. Cada um carregando em si uma intenção: cumprimento, amizade, respeito, bênção, amor, sexo e carinho.

A língua possui milhares de receptores, por isso é tão sensível. Sua sensibilidade é comparada às polpas digitais. O toque dos dedos ou da língua no corpo do outro, quando feito com prazer, massageia o ego e alivia a alma.

Quando a língua de uma pessoa entra em contato com os órgãos genitais de outra, é denominado de sexo oral. Esta prática é tão antiga quanto o próprio homem. Porém, o sexo oral ainda hoje gera polêmica. Muitos acham que essa forma foge dos padrões de normalidade e acabam se sentindo culpados quando o fazem. Segundo FREUD, criador da psicanálise, em seu artigo “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade em 1905”, o sexo oral, quando substituí exclusivamente a cópula, é considerado perversão (FREUD, 1905).

O “fellatio” (quando a mulher pratica no homem) e o “cunnilingus” (quando o homem faz na mulher) servem para os jogos preliminares, para aumentar a lubrificação vaginal (ou iniciar a ereção), assim como para o orgasmo propriamente dito.

O estímulo com a língua e os lábios na região genital é mais íntimo, delicado e estimulante que aquele propiciado pelas mãos, explica HITE (1992). A língua, para ele, oferece uma maciez, uma precisão, uma delicadeza e uma exata umidade; é considerada, portanto, o órgão perfeito para o contato.

O fonoaudiólogo, ciente dessas múltiplas possibilidades da língua, tende a valorizar mais o seu trabalho, bem como respeitar a individualidade do seu cliente, procurando reconhecer a subjetividade presente na ação desse órgão.

Portanto, nossa língua desempenha um papel extremamente significativo nas vidas de todos nós: crianças, jovens, adultos e velhos. Através dela “experenciamos” e exprimimos nossos sentimentos e desejos. Através dela, aproximamo-nos da pessoa amada, criando um elo de intimidade. Através dela, partilhamos nossos pensamentos verbalmente. Além disso, permite-nos comer e beber, não apenas para manter nossa sobrevivência, mas também pelo prazer de saborearmos uma boa mesa.

A boca, com a língua maravilhosamente ágil, muito cedo começa a se formar, a se mover, a trabalhar. Se nenhum mal a acometer, acompanhar-nos-á dia e noite, às vezes explícita, às vezes oculta, sem parar, sem reclamar e sem se cansar em variadas situações de nossas vidas, presenteando-nos, a cada instante, com a graça da sua existência.

## ■ BIBLIOGRAFIA

- AIRES, M. – **Fisiologia**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991. 795 p.
- ALLENDE, I. – **Afrodite: contos, receitas e outros afrodisíacos**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. 328p.
- ARAÚJO, A. – **Fonoaudiologia e oratória: um encontro possível**. Recife, 1997. [Monografia – CEFAC – CENTRO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA CLÍNICA – VOZ ]
- BLOCH, D. – **Palavras que curam: afirmações e meditações para a vida diária**. São Paulo, Cultrix, 1991. p.72.
- BORDENAVE, J. O. – **Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação com processo, tecnologia, sistema e ciência**. Rio de Janeiro, Vozes, 1983. 110 p.
- CANTARELLI, A. – **Língua: que órgão é este?**. Recife, 1998a. [ Monografia – CEFAC – CENTRO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA CLÍNICA – MOTRICIDADE ORAL ]
- CANTARELLI, A. – Ontogênese do sistema estomatognático: sua importância no tratamento dos distúrbios miofuncionais. In: **Fonoaudiologia hoje**. São Paulo: Frôntis Editorial/Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 1998B. 99-110.
- COSTA, S. & COL. – **Otorrinolaringologia: princípios e prática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. 558 p.
- DOUGLAS, C. R. **Patofisiologia oral**. São Paulo, Pancast vol. 1, 1998. 657 p.
- FREUD, S. – **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. 3, Rio de Janeiro. Imago, 1901-1905. 352 p.
- GUARACY, T. & RAMALHO, C. – A força da mente. In: **Revista Veja**, 33: 108, 1998.
- HITE, S. – **O relatório Hite**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992. p. 261.
- LURKER, M. – **Dicionário de Simbologia**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- MORAES, R. & BORELLI, L. – A arte de amar. In: **Revista Criativa**, 110: 57-8, 1998.

### Endereço:

Rua João Dias Martins, 115/1402 – Boa Viagem  
 CEP: 51021-540 – Recife – PE  
 Tel.: (0xx81)325-2769  
 E-mail: geobase@hotmail.com.br